

LINGUAGEM E MEMÓRIA NAS CRIAÇÕES LEXICAIS DE SOUSÂNDRADE: UMA POÉTICA PARA INOVAR

Eliamar GODOI¹

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

E-mail: eliamarufu@gmail.com

Resumo: Em estudos anteriores, tivemos como objetivo organizar um glossário com os neologismos criados por Sousândrade nas obras literárias: “Harpas Selvagens” (1857) e “Harpa de Ouro” (1888/1889) e criar definições para os vocábulos neológicos embasados pelo contexto abonatório dessas obras literárias. Para isso, por meio de uma pesquisa bibliográfica e analítica analisamos a poética sousandradina em seus vários aspectos criativos. Nesse artigo, foram arroladas e analisadas apenas 10 (dez) unidades neológicas das mais de mil encontradas nas duas obras analisadas. Assim, partimos do pressuposto que pontos de vista e parte da realidade da época vivida por ele se apresentam espelhados em suas criações lexicais. Constatamos que o autor se deixa mostrar pelo seu léxico, pois, manifesta suas vivências e ideologias por meio de uma obra autobiográfica. Para todos os casos analisados foi necessário recorrer ao contexto lingüístico e extralingüístico, para que se pudesse compreender o sentido das lexis neológicas. Espera-se que este trabalho contribua para se compreender melhor a obra e o momento sócio-histórico-cultural em que se processou a sua linguagem e a sua criatividade.

Palavras-chave: Criações lexicais; Sousândrade; Linguagem; Memória.

1. Aspectos introdutórios

Tendo em vista a importância da criação léxica para o desenvolvimento de qualquer língua, observamos que o neologismo aparece como um fenômeno responsável pela renovação e expansão do Léxico. Embora os falantes em geral reconheçam com facilidade as unidades da sua língua que podem ser consideradas novas, o conceito de ‘neologismo’ é tão relativo que nos leva a questionar se se trata de um conceito ou um significado atualizado num dado contexto.

Sabemos que neologismo pode ser uma palavra nova ou um sentido novo dado a uma palavra já existente e tem surgido de maneira cada vez mais rápida e de forma cada vez mais inusitada. Compreendemos que esse fenômeno ocorre para acompanhar a evolução da língua que de modo significativo acompanha a evolução da humanidade, sendo necessário, assim, o aparecimento dessas novas formas léxicas.

Desse modo, o fenômeno neológico, como sinônimo de novidade, está sempre se opondo a um enquadramento mais rigoroso, além de se apresentar revestido de grande complexidade. Por isso, o neologismo está ligado a todas as inovações das atividades humanas, em todos os ramos.

Conscientes que qualquer língua viva apresenta uma multiplicidade de registros distintos, cujas características são determinadas por fatores de natureza histórica, geográfica e social, neste trabalho, ressaltamos, dentre esses registros, a chamada criação vocabular, ou

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia – PPGEL/FACED/UFU – eliamar@cepae.ufu.br; eliamarufu@gmail.com

seja, os neologismos os quais tendem a respeitar traços determinados por fatores científicos, técnicos ou profissionais.

Desse modo, e sempre dentro das possibilidades do sistema lingüístico, estes neologismos são utilizados e criados na comunicação formal, informal, e quotidianamente pelos falantes de uma mesma comunidade lingüística e em textos literários.

Como os novos vocábulos aparecem em todos os ramos, destacaremos os que surgem em textos literários, criados por expressividade. Este tipo de neologismo, denominado 'neologismo literário', surge, devido à necessidade que os autores têm, assim como os demais usuários da língua, de criar novos vocábulos, quando os existentes já não lhes são suficientes, ou já estão desgastados; fazem isso por pura ousadia, inventividade ou expressão pessoal.

O presente trabalho, que é parte de um projeto maior, teve como principal objetivo demonstrar algumas construções neológicas extraídas das obras 'Harpas Selvagens' (1857) e 'Harpa de ouro' (1889/1899), de Joaquim de Sousa Andrade, doravante Sousândrade.

Escolhemos estas obras, dentre outros motivos, por ser Sousândrade um autor que muito contribuiu para o engrandecimento da cultura brasileira, sobretudo, na criação de novas palavras e expressões que rechearam toda sua literatura. E ainda, por haver certa carência de estudos na área do léxico no que se refere ao neologismo literário, principalmente, nessas obras. As figuras de linguagem surgem como característica fundamental da obra sousadraina. Com relação às figuras de linguagem mais empregadas, como os poetas dessa geração, Sousândrade ousou nas metáforas, abusou das hipérboles, antíteses retumbantes e apóstrofes violentas. Além disso, revelou um gosto peculiar pela frase pomposa e retórica grandiloquente. Mas foi na criação neológica que esse poeta despontou.

A natureza desse estudo e a reflexão nos levaram ao caminho da investigação crítica possibilitando vislumbrar uma análise mais acurada do léxico de Sousândrade. Pesquisar o léxico desse autor nos permitiu conhecer e resgatar o vocabulário e o efeito de sentido pretendido por ele nas referidas obras e ainda dinamizar o ensino de Línguas com enfoque no léxico. Ao articular Língua, Literatura, História e cultura, esse estudo lexical de uma obra literária, de modo interdisciplinar, apresenta mais uma alternativa de trabalho com obras literárias podendo ser aplicado em sala de aula.

A parte prática desta investigação consiste na compilação e análise dos substantivos, adjetivos e verbos das obras escolhidas que foram verificados a condição de atestados ou não atestados em dicionários utilizados como *corpus* de exclusão. Os dicionários consultados para avaliar as formas léxicas foram selecionados pelo critério de data de edição.

Um dicionário produzido antes e outro durante a constituição das obras pesquisadas (1857 e 1889 respectivamente), são eles: 'Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa' de Antônio de Moraes Silva editado em 1813 e o 'Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa' de Francisco Júlio Caldas Aulete editado em 1881.

Assim, as formas léxicas não atestadas por esses dicionários se configurarão em neologismos e os conceituaremos segundo o contexto em que foram produzidos tendo como base as abonações.

Para efeito do presente trabalho, as formas léxicas atestadas pelos dicionários mencionados acima opor-se-ão às formas não atestadas e, por conseguinte, entendidas como neologismos que compreendem unidades léxicas tidas como novas ou um sentido novo de uma unidade já existente. Feito isso, foi montado, então um glossário com os vocábulos neológicos criados por Sousândrade.

Sendo assim, esse estudo se justifica pelo fato das obras escolhidas terem sido pouco pesquisadas, sobretudo no que se refere ao aspecto lingüístico e histórico, principalmente àqueles estudos que se relacionam às criações neológicas. Por isso, esperamos que este trabalho proporcione uma contribuição no esclarecimento de sentido de alguns dos vocábulos inusitados produzidos por Sousândrade nas referidas obras, servindo como um material de

apoio para os estudiosos e tradutores da obra sousandradina e ainda sirva de suporte para o desenvolvimento de inúmeras atividades envolvendo o léxico em sala de aula.

Para isso, investigamos nas obras escolhidas de Sousândrade o vocabulário neológico encontrado e ainda o analisamos e o conceituamos conforme o contexto fornecido pelas abonações, os neologismos encontrados nas referidas obras. A obra sousandradina se insere na terceira geração romântica. Essa geração, por se mostrar mais preocupada com a realidade social, é considerada uma geração de transição, pois nela percebe-se o brotar das primeiras tendências do que posteriormente a história da literatura veio a chamar de Realismo. Entre as principais características da poesia da última geração romântica, a de Sousândrade se caracteriza de fundo social, defensora da República e do Abolicionismo. Além disso, os versos desse poeta estão voltados para os pobres, marginalizados e negros escravos.

O trabalho de Sousândrade dá ênfase na função apelativa da linguagem em que demonstra uma recusa pelo lamento introspectivo e individualista da geração anterior. Sousândrade fala dos homens e para os homens. Ele usa de diversos meio para falar e ser ouvido e seus poemas embora não tenha conseguido êxito em seu tempo, encontra na atualidade o reconhecimento merecido. Sendo assim, a poesia sousandradina quer ser ouvida e, para isso, alcança as 'praças' atuais um sentido contemporâneo que não alcançou em seu próprio tempo. A poética sousandradina surge para convencer o outro e, para tanto, não economiza retórica e eloquência e apresenta um mar de diversidade linguística, demonstrando ousadias na linguagem que o lançou a frente do seu tempo.

Entre as décadas de 1860 e 1870, o poder monárquico no Brasil passou por um processo de forte enfraquecimento. Esse contexto levou o país a um clima de agitações político-sociais. Nessa perspectiva revolucionária, Ideias liberais, abolicionistas e republicanas se difundem entre a população mais esclarecida. Sousândrade, nascido no Maranhão, em pleno século XIX, produziu uma obra que em crítica moderna pode ser recebida como uma virtuosa contribuição de relevo estilístico e cultural. Suas inovações são consideradas como precursoras das insurreições gramaticais modernistas e sua poesia é considerada de cunho revolucionária e cultural. Assim, a nossa principal hipótese é de que o vocabulário manuseado por Sousândrade em suas obras: *Harpas Selvagens* (1857) e *Harpa de Ouro* (1889/1899) podem conter inúmeros neologismos literários, evidenciando, assim, a capacidade criadora do poeta e sua estreita relação com o contexto social vivido por ele. A pertinência desse pensamento está embasada em alguns trabalhos que investigaram a produção literária desse autor, que apesar de poucos, evidenciaram a expressiva criatividade e irreverência desse poeta maranhense.

Nossa hipótese era a de que o vocabulário sousandradino poderia conter neologismos e que o contexto sócio-histórico-cultural refletiu e influenciou o léxico de Sousândrade. Então, assumimos, também, como hipótese que o léxico utilizado pelo autor retratava a realidade da época vivida por ele que se apresentou espelhado em suas criações léxicas.

2. Fundamentos para as ações

Nosso trabalho sobre os neologismos encontrados nas obras *Harpas Selvagens* (1857) e *Harpa de Ouro* (1889/1899) de Sousândrade, partindo do objetivo fundamental de desenvolver um glossário dessas lexias neológicas, seguiu os fundamentos teóricos da Linguística em suas subáreas: Lexicologia e Lexicografia em estreita conexão com a informática.

Foi perceptível, contudo, que há uma fechada e restrita literatura produzida em torno da área de estudos sobre o neologismo, sobretudo, o literário. Há, porém, uma literatura na qual cada autor expõe conceitos numa linguagem acessível contribuindo para aclarar questões relevantes sobre a unidade neológica.

O fenômeno neológico que sempre se opôs a um enquadramento mais rigoroso, deveu-se também à própria complexidade em que se apresenta. O neologismo é uma forma aberta às interpretações e projeta efeitos no receptor. Por isso, está presente não só na arte literária, mas em todos os campos de interesse do homem. Assim, a linha de interesse do usuário da língua na criação do neologismo é bastante grande, pois, os neologismos estão ligados a todas as inovações nos diversos ramos de atividade humana.

Avista disso, tecemos informações sobre Sousândrade demonstrando que sua criatividade o lançou fora e à frente de seu tempo e o colocou à margem da literatura. Para isso, traremos informações sobre o estilo criador desse poeta, sobretudo, no campo da criação lexical. O texto produzido sobre o autor pesquisado teve como fonte: Williams (1976); Campos (2002) e Jomar Moraes (2003).

3. Sobre Sousândrade e sua poética: uma ousadia lexical

Quase clandestino, Sousândrade sempre obteve críticas de exceção, pois fugiu à regra geral dos literatos contemporâneos. Viveu assim, na opacidade e no repúdio da crítica e da sociedade para retornar muito depois, ainda, meio opaco e inteligível, mas, ainda, incomum, anormal, audacioso, causando perplexidade. A obra de Sousândrade impõe o reexame, análises acuradas e, sobretudo, requer uma análise no campo do léxico, já que se trata de um *templário* de criações lexicais.

Apesar de Joaquim de Sousa Andrade – Sousândrade (1832-1902) esteticamente não ter se enquadrado no período literário em que viveu e ser um autor de estilo divergente e à frente de sua época, se partirmos da data de produção das obras analisadas percebemos que ele viveu em plena era do Romantismo.

Sabe-se que o período romântico representou um tempo de grandes transformações para o Brasil, e que foi uma época de carência de evolução industrial. Dessa forma, o Romantismo representou a tendência de um povo que vinha de um colonialismo puro e que ainda mantinha colunas do poder agrário e uma monarquia conservadora apesar dos surtos republicanos. Essa situação gerou temas representativos que circundaram aquele período, caracterizado como segunda geração romântica.

Temas como: amor, pátria, a natureza, religião, o povo, e o passado, afloraram por diversas vezes na poesia romântica e foram tematizados também na obra de Sousândrade, principalmente, temas relativos à pátria. Outros temas, bastante recorrentes desde a primeira obra publicada ‘*Harpas Selvagens*’ de 1857, os quais podem ser considerados como prediletos são: as saudades da terra natal, as aventuras amorosas desastrosas e as belezas da natureza sempre comparadas a alguma mulher amada. Trata-se de temas basicamente românticos que sempre se relacionam com as vivências do poeta traduzindo-se assim num certo subjetivismo biográfico, característica bem marcante da obra de Sousândrade.

Adicionalmente, tal biografia abre a possibilidade de um olhar mais detido para um dos aspectos mais marcantes e menos estudados da obra de Sousândrade: o americanismo. O amor desse poeta pela América, como um todo, é bastante aparente em sua obra ‘*Harpa de Ouro*’ publicada postumamente. Enquanto a maioria dos autores brasileiros de sua época não conseguia estabelecer relação com o exterior senão como extensão e prolongamento das tendências européias, Sousândrade, que manifesta um acentuado amor ao Brasil e ao Maranhão, observou a situação e elegeu como pátria toda a América, unida por seu ideário de liberdade.

Nesse contexto, a originalidade do trabalho desse autor está na extraordinária visão das Américas, desde os tempos pré-colombianos, pois tinha amplo conhecimento da cultura que regia esses povos. Ele detinha um vasto conhecimento de vários idiomas adquiridos por meio das inúmeras e variadas viagens realizadas em diversos lugares do planeta, além do

ermo conhecimento de história, mitologia, filosofia, literatura e várias outras áreas de conhecimento consideradas como ciência daquela época.

Sousândrade foi novidade em uma época em que os poetas brasileiros seguiam o caminho dos moldes acadêmicos num contexto fechado e provinciano. Este poeta fez inúmeras viagens à Europa e viveu bastante tempo nos Estados Unidos e por isso pôde conhecer de perto o mundo diferenciado da ascensão industrial e capitalista, das concentrações urbanas de cidades como Nova Iorque, além de conviver com a democracia da competição e do dinheiro.

Dessa experiência, surgiu-lhe o desejo e a utopia da República livre e comunitária que conservasse certa inocência, diferente das competições por dinheiro que testemunhou em suas viagens. Ele foi, então, testemunha das mudanças que ocorreram após a Guerra da Secessão, sendo contemporâneo da expansão industrial norte-americana e dos escândalos financeiros que marcaram aquele país. Sua presença *in loco* foi fundamental para a matéria prima que recolheu em sua obra. Seu retorno ao Brasil, contudo, coincidiu com sua ruína financeira.

Sousândrade viveu em uma época conturbada em que a burguesia marginalizou e neutralizou alguns grandes escritores que se diziam contra a ideologia capitalista que se especulava naquele tempo. De origem da elite latifundiária, este poeta desde cedo se rebelava contra a condição desumana em que o escravo era tratado e já preconizava a República que segundo ele “República é menina bonita/ diamante incorruptível” HO.

A obra ‘Harpa de Ouro’ é tida como a canção republicana de Sousândrade que saúda o novo sistema de governo, com o qual o poeta já sonhava há muitos anos. Contudo, apesar de ser uma louvação, também nessa obra, ele faz graves acusações aos problemas que se acirravam na aplicação desse regime no Brasil. A princípio, a obra ‘Harpa de Ouro’ seria uma declaração de amor à princesa Isabel: “Acordar! Não entr’isteças/ Ao esplendor de tanta luz!/ Sou o ideal em que pensas/ - Oiço Isabel ou Jesus”. Entretanto, os temas do sonho republicano e da abolição da escravatura prevaleceram na maior parte da obra.

Já a obra ‘Harpas Selvagens’ de 1857, o livro de estréia de Sousândrade, é considerada a mais bem realizada sob um ponto de vista técnico. Revelador de fortes características românticas, esta obra traduz grande beleza plástica e apresenta uma variedade temática abordando filosofia, religião, viagens, escravidão, além de descrever cenas lúgubres e até macabras.

Tem-se também o mar, a morte, a sombra, a noite, a saudade e desespero, amor erótico, como outros temas que são marcantes nessa obra cuja temática se apresenta sempre num tom bucólico contextualizado num ambiente de solidão, desespero e sofrimento: “E dum lado o demônio e o anjo doutro/ E eu no meio, minh alma despedaçam/ (...) Cândidas salva-me: o demônio embora/ Me persiga mostrando-me os meus dias/ Como são desgraçados... porém, antes/ Falaz espe’rança, que a descrença eterna”.

Diacronicamente, o brasileiro, ante a recente independência, proclamada em 1822, ansiava por uma resposta à pergunta sobre sua origem. Diante de uma sociedade desestruturada, carente e necessitada de uma identidade própria surge, então, Sousândrade, numa época em que uma pequena e privilegiada elite do Maranhão vivia um bem-estar material buscando sempre nos modelos europeus as bases de criação dos filhos.

Desse modo, era comum entre a elite formar seus filhos em universidades estrangeiras, como ocorreu com Sousândrade. Todavia, este cenário engendrou, por outro lado, o surgimento de um escritor crítico, lúcido, ativo, antecipador das formas da poesia moderna, mas marginalizado. E toda essa experiência o colocou a frente dos outros poetas daquela época, pois lhe abriu vastíssimos horizontes possibilitando criação de obras inovadoras e irreverentes, distintas de toda a poesia brasileira do século XIX.

Assim, criou obras recheadas com palavras formadas de diferentes processos de composição, arranjos sonoros incomuns, palavras plurilingüísticas, além de agressivos

conjuntos verbais e até inusitadas montagens sintáticas. Por tudo isso, segundo Bosi (2001, p. 126) “o poeta não podia ser assimilado no seu tempo e, de fato, não o foi...”. Sousândrade preferiu não seguir os moldes acadêmicos que a tradição romântica legara.

Sousândrade criou obras representativas de sua ideologia frente àquela sociedade especuladora e capitalista que era representada pela burguesia triunfante e, por isso, traz arraigado e manifestado em todo seu trabalho muito de sua história, de seu tempo e de seu ponto de vista. Sendo assim, é indiscutível a riqueza literária, histórica e cultural dessas obras e o que elas representam para a arte brasileira, todavia trabalharemos no campo lexical, sobretudo no que tange à criação neológica.

Ao analisar a estilística sousandradina, na área pertinente ao léxico percebe-se que há uma inusitada forma de conceber a sonoridade em seus poemas, e ainda utilização de ousadas invenções vocabulares, principalmente na criação de palavras compostas. Trata-se de uma obra em que a criação de neologismos e associação de palavras é freqüente, em uma constante busca de novas formas de expressão.

Segundo os irmãos Campos (2002)

O léxico de Sousândrade chama logo a atenção, pela alta incidência e pelo inusitado dos efeitos obtidos, um procedimento morfológico: a composição de palavras. (...) Trata-se, pois, na microestética, de uma constante sousandradina (CAMPOS, 2002, p. 107).

Na maioria das vezes, o fato de implementar em suas obras valores típicos de seu estilo e conhecimentos de língua, idiomas e culturas diversas levou o autor a criar novos vocábulos ou dar novos significados à palavras já existentes no léxico português. Mas, foi no campo da criação lexical, e especificamente, usando o processo de composição de palavras que surge o diferencial deste poeta.

Assim, Sousândrade além de montar anagramas com palavras estrangeiras e portuguesas ainda misturou o léxico de outros idiomas com o nosso, fazendo jogos sonoros e também dando formas e sentidos diferenciados ao juntar partes de palavras estrangeiras entre si ou com outra parte de palavra portuguesa. Ou seja, ele antecipou, com sua riqueza lingüística e imagética, a poesia 'participante' que se faria no século 20.

O poeta recorreu a várias línguas, entre vivas e mortas, para captar os efeitos de sentido inusitados de suas criações neológicas. Sua poética não só perpetua o espírito libertário e revolucionário do movimento romântico, como também pode ser incluída num Romantismo forte e contestador. A partir desse romantismo racional, a poética de Sousândrade pode ser compreendida como precursora da modernidade.

Assim, podemos perceber que muito da criatividade de Sousândrade, inclusive os compostos criados por ele surgem como projeção da linha imagista do poeta e brotam a partir do seu vasto conhecimento da estrutura da língua em vários idiomas. Ou seja, há um encontro de vários planos semânticos que ao invés de se desdobrarem um de cada vez se fundem em um único signo.

Contudo, ele parte de construções lexicalizadas ou semilexicalizadas. Diríamos com os irmãos Campos (2002) que apenas a inversão de termos determinantes em relação aos determinados já é um fator de perturbação da norma lingüística como na palavra 'doce-elétrica', por exemplo: “(Todos) olhando os céus de ti/ Luz doce-elétrica irradiando...” (HO p.434).

Outras vezes, são os anagramas produzidos pelo poeta em sua estilística que causa perturbação e refletem a microestrutura léxica desse autor. Em 'Harpas de Ouro' ele fala do Brasil como se fosse um navio, segundo Jomar Moraes (2003, p. 424), navio era uma alegoria comum nos Estados Unidos. Então ele cria o anagrama (navio/noiva): “E do navio no anagrama/ Co'a noiva estou... vendo navios”. (HO, p.436).

Sousândrade criou compostos e inúmeras palavras neológicas em toda sua obra, contudo, pudemos perceber que tais criações teve um aumento bastante significativo nas últimas obras produzidas por ele. Diante disso, não podemos, contudo, perceber o aumento de tais criações como se fosse apenas excentricidade do poeta haja vista as criações de Sousândrade ter sempre função expressiva.

Por isso, os irmãos Campos (2003) advertem que

Deve-se assinalar que esses compostos não atuam como meras extravagâncias, mas têm função expressiva no contexto respectivo, correspondendo geralmente a momentos de especial intensidade criativa na poética sousandradina (CAMPOS, 2002, p. 110).

Assim, em relação à estilística de Sousândrade, podemos perceber em consonância com a teoria citada pela obra acima, que o poeta aciona a linguagem utilizando quase todas as potencialidades da língua. Por isso, é fácil encontrar em sua obra características de diversas tendências estéticas como: Barroco, Neoclassicismo, Romantismo, Simbolismo, Realismo, Parnasianismo e, inclusive, tendências modernas.

Nesse caso, a obra sousandradina é recheada de palavras arcaicas, atuais, estrangeiras, palavras novas originadas de línguas vivas e/ou mortas, inclusive palavras que fundem dois idiomas como na palavra *wifezita*. Nesta palavra, o poeta funde um substantivo da língua inglesa – Wife - com um sufixo indicador de diminutivo do Português – zita apresentando a idéia de “esposinha” termo criado para caracterizar carinhosamente a República, então, recentemente proclamada.

Na jacarândeaaárvor da vida
Trepá; eu desenho o resplendor
D’WifezitaSyke-Hamadryada
Que atira flores no pintor
- Vem ver o fiel quadro, querida -
“Nonsenses fruit I give you for” (SOUSÂNDRADE, 1888, p. 436)

Ele substitui as partes fracas ou gastas da língua fazendo nominalizações de adjetivos, introjetando substantivos no centro de ações verbais, rompe o fluxo das convenções da norma criando o que os irmãos Campos denominaram de ‘palavas-ilhas’ ou ‘palavas-coisas’, como se fosse blocos autônomos. Tudo isso carregado de sentido e possibilidades de interpretação, pois a informação trazida por esses blocos transcende a semântica, além de ser imprevisível causando inúmeras surpresas nas ordenações dos signos.

Segundo os irmãos Campos (2002) a linguagem sousandradina.

apresenta níveis estilísticos vários, uma linguagem sincrética por excelência, abrindo-se num verdadeiro feixe de dicções, que tanto vai se alimentar nos clássicos da língua, quanto se projeta em invenções premonitórias do futuro da poesia (CAMPOS, 2002, p. 32).

Nesse caso, os irmãos campos, estudiosos da obra sousandradina, ainda esclarecem que o barroquismo é uma das grandes linhas que se pode discernir na obra desse poeta. Contudo, não se trata do estilo barroco histórico, mas num estilo abstrato que se manifesta nos cultismos léxicos e sintáticos (palavras raras e arcaizantes, neologismos, hibridismos, hipérbatos, elipses violentas, elusões e alusões etc.) num arrojado processo metafórico, na recarga de figuras retóricas, na tessitura sonora que incorpora as onomatopéias e a dissonância, na importação constante de recursos sintáticos e morfológicos de extração

estrangeira, além de interpolações idiomáticas que vão beber em outras fontes como o tupi, o quíchua, o espanhol, o italiano, o holandês.

Assim, corroborando com nosso pressuposto de que Sousândrade apresenta em sua obra um subjetivismo biográfico, os irmãos Campos (2002, p. 33) acrescentam que o poeta maranhense possuía arrojados formais que tinham um lastro emocional em sua vida acidentada e peregrinante, e um lastro intelectual na sua experiência de civilizações variadas e na sua vasta e multilíngüe área de leitura, o que se configura bastante perceptível em toda extensão da obra sousandradina, inclusive nas primeiras publicações.

Augusto e Haroldo de Campos (2002), ainda, assinalam nessa referida obra, que sob uma análise mais detida dos compostos e dos contextos onde operam, Sousândrade recorreu a processos formais extraídos de línguas estrangeiras, principalmente do Inglês. Nesse caso, ele se aproxima de línguas isolantes como o chinês que tende à criação de palavras compostas, já que constituem em unidades mais complexas, e cria em parte, um novo e único organismo verbal ou nominal.

Esses autores enfatizam que essas observações derivam do fato de que o chinês é uma linguagem relacional, não flexionada e possui a estrutura baseada na ordem das palavras. Assim, o Inglês também tem sido comparado nesse aspecto como o Chinês.

Os irmãos Campos (2002) afirmam que no chinês a posição do vocábulo na frase pode determinar a classe gramatical dos vocábulos, isso sem necessidade de morfemas especiais, ou seja, nessa língua, a ordem das palavras se traduz em morfemas: sol + lua = brilho, copo sol + lua = o copo brilha; sol + lua copo = copo brilhante. Já no Inglês, com certa semelhança, temos: Mountain wheat = trigo da montanha, literalmente: montanha trigo. Nesse caso, os substantivos funcionam como adjetivos, mediante a simples anteposição na frase. Estas são construções que facilmente, segundo os Campos, se convertem em compostos e se lexicalizam.

Nessa perspectiva, os irmãos Campos concluem que

Sousândrade, além de se inspirar, em muitas de suas criações, em processos morfológicos desta índole: terra-amor (amor terreno ou telúrico); lança mão de uma sintaxe típica de línguas isolantes ao manipular seus compostos dentro dos contextos respectivos “copos cristal-diamantes” (com dois substantivos justapostos em função adjetiva) é a sua construção para copos cristalinos-adamantinos (CAMPOS, 2002, p. 111).

Essas colocações de Haroldo e Augusto de Campos, considerados grandes estudiosos da obra desse poeta, levam-nos a crer que Sousândrade, conhecedor e estudioso de vários idiomas que era, pôde realmente ter utilizado esse conhecimento das estruturas de formação de palavras de outros idiomas, mas também do Português em suas criações neológicas.

Ele frequentemente usa de anteposições, traz compostos verbais com substantivos ou adjetivos antepostos ao verbo agindo como um prefixo radical completando a ação verbal e/ou adjetivando, forjando assim, neologismos verbais com bases de substantivos ou adjetivos verbificados, como no verso: “Sinto o coração livre-abrindo” (HO p. 430). Também cria neologismos forjados de nomes próprios: Izabelzinha, Zeus-trovador.

É notório, entretanto, que a obra Harpa de Ouro apresenta muitos versos recheados de palavras, expressões e até compostos em outros idiomas. O Inglês é o que prevalece, contudo, é perceptível uma grande utilização do Grego Clássico. Segundo os irmãos Campos (2002, p. 113) “Sousândrade era helenista e latinista exímio, na grande tradição humanista maranhense de um Odorico Mendes, do qual certamente conhecia as traduções de Virgílio e Homero”.

Importante ressaltar, todavia, que várias fabricações de palavras e/ou compostos neológicos de Sousândrade não decorrem de nenhuma importação ou aclimação de processos morfológicos de outras línguas, surgem do sintetismo, redução ou ampliação

semântica, e cadeias metafóricas resumidas em um, dois, três ou mais palavras ou expressões justapostas e até aglutinadas em uma única palavra-ilha.

Essas criações apresentam novas combinações de palavras existentes, em algumas vezes contrações de novas combinações de metáforas demonstrando uma imagética resultante da expressividade desse autor. Ele junta, aglutina, justapõe as classes de palavras simultaneamente num mesmo impulso como se quisesse dizê-las de uma única vez. Nesse caso, blocos de sintagmas são reduzidos a uma só unidade, o que permite a Sousândrade fundir numa imagem complexa toda uma série de ações ou estados.

Diante disso, percebemos que Sousândrade consegue elevar a tensão estrutural e semântica de sua poesia a níveis raramente atingidos entre os poetas. Possuidor de sensibilidade moderna, esse poeta apresenta, de um ponto de vista estético e estilístico, um alto teor de criatividade que até a atualidade é tido como sem paralelo entre seus contemporâneos brasileiros.

Assim, a obra de Sousândrade marca a independência da literatura brasileira em plena era romântica, o que ocorreria apenas no século seguinte com os modernistas. Por isso, como já mencionamos, ele é considerado o precursor do modernismo brasileiro.

4. Sobre o neologismos: alguns conceitos

Tendo em vista a importância da criação neológica para o desenvolvimento de qualquer língua, debruçaremos-nos na definição de neologismos para realização desta pesquisa. Neste contexto, num segundo momento, para refletir sobre as definições, tomaremos como embasamento teórico autores como: Guilbert (1975); Rey (1976) que reforçam a necessidade de criação de novos vocábulos para a língua viva e apresentam teorias que distinguem os neologismos entre formais e semânticos, e atestados e não atestados.

Assim, vão corroborar com a nossa pesquisa, inclusive abrindo o enfoque para o neologismo literário, o qual é denominado segundo Guilbert de neologia estilística, a qual se configura como base de nossa análise.

Guilbert (1975) conceitua a neologia lexical como a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em consequência das regras de produção incluídas em um sistema lexical. Esse autor também apresenta pressupostos para a neologia estilística, a qual apresenta um modo de criação lexical que busca a palavra escrita para exprimir idéias de maneiras novas, incomuns e manifestar certa individualidade conquistando, assim, a liberdade de expressão.

Segundo Guilbert (1975):

existe outra forma de criação lexical fundada na pesquisa da expressividade da palavra, nela mesma ou na frase para traduzir idéias não originais de uma maneira nova, para exprimir de uma forma inédita uma certa visão pessoal do mundo (GUILBERT, 1945, p. 41Tradução nossa)².

A fala poética traduz essa forma de criação proposta por Guilbert. Desse modo, os autores de obras literárias produzem uma matéria lingüística nova e apresentam uma significação diferente da cotidiana, além de, esta ação estar ligada à originalidade e individualidade do falante poeta que tem conquistado grande liberdade de expressão.

Nestes termos, Guilbert (1975) assegura que o texto literário é ao mesmo tempo ato lingüístico de criação lingüística e de expressão puramente pessoal e traduz certa prática social da arte literária.

²Texto original: “existe une autre forme de creationlexicalefondéesurlarecherche de l’expressivitédumot em lui-même ou de laphrase par lê motpourtraduire dès ides non originales d’une manière nouvelle, pouexprimer d’une façon inédite une certainevisionpersonnelledu monde”.

Assim, a partir dessa produção literária e dependendo sempre da hierarquia estabelecida pela sociedade, com críticas e regras estéticas e ideológicas e depois de certa inserção e difusão em meio ao público leitor, sempre dentro dos padrões econômicos, sociais, próprios do mercado em si, vão surgindo os neologismos literários.

Já Rey (1976) em meio ao domínio central da neologia, o mais importante, quantitativamente, se acha separada em dois conjuntos de neologismos:

- a) o dos empréstimos e outras formas não fundamentadas para a maioria dos locutores, imprevisíveis e estrangeiros à gramática da língua; e
- b) o da morfologia, que reflete - pela estrutura semântica - uma estrutura sintática mais profunda. Esta segmentação tem implicações práticas fundamentais (REY, 1976, p. 8)³.

Essas novidades morfológicas são palavras formadas de uma base e um sufixo, um prefixo e uma base, ou duas bases e/ou palavras parassintéticas mais complexas ainda, podem ou não entrar no léxico formando uma unidade semiótica ou informativa (caracterizada por pertencer ao código, como unidade).

Todas as combinações possíveis, autorizadas pela gramática, são virtualmente aceitáveis; mas, constrangimentos, nomeadamente socioculturais, fazem com que algumas apenas funcionem no código. Rey (1976), em consonância com Guilbert (1975), acrescenta que a criação do neologismo não pode ser dissociada do discurso tido pelo inventor, indivíduo integrado a uma comunidade, que se exprime numa situação dada. Mas, ainda, continua questionando sobre o que é realmente novo no neologismo.

Assim, Rey (1976) considera que o neologismo existe, não por si só, mas de forma contextual, já que o vê dependente de uma situação, lugar, época e associado a um discurso inserido em uma comunidade lingüística, considerando assim, o sentimento coletivo da novidade.

Nesse contexto, sabe-se que os dicionários, glossários e vocabulários constituem uma organização sistemática ou ao menos uma tentativa de descrição do léxico. Desse ponto de vista, tratam-se de produtos culturais direcionado ao consumo do grande público, apesar de que o dicionário é um produto de ordem comercial, ao contrário das demais obras lexicográficas.

Importante mencionar que o dicionário, em si, recolhe o tesouro lexical da língua num dado momento da história de um grupo social, mas a sua feitura deve compreender os valores políticos, históricos e sociais. Por isso, o lexicógrafo deve ter como finalidade a compreensão do todo léxico e o modo pelo qual a comunidade lingüística tem incorporado os regulamentos de criação e expansão desse léxico e de acordo com cada ideologia e sob cada lógica.

Do material lido, levantamos os contextos que constituem o *corpus* do trabalho em questão, donde relacionamos todos os neologismos encontrados, a fim de analisá-los de acordo com suas respectivas abonações respeitando sempre o contexto em que foram criados. Para o trabalho original pudemos elencar mais de 1000 neologismos nas duas obras.

Entretanto, por motivos adversos, selecionamos 124 e os analisamos considerado os pressupostos teóricos e os contextos lingüísticos e extralingüísticos. Já para esse artigo, apresentamos uma mostra com apenas 10 análises como forma de demonstração das análises feitas.

³Texto original: “a) celui des emprunts et autres formes non motivées pour la majorité des locuteurs, imprévisibles et étrangers à la grammaire de la langue; b) celui de la morphologie, que reflète – par la structure sémantique – une structure syntaxique plus profonde. Ce clivage a des implications pratiques fondamentales”.

A seguir apresentamos as lexias selecionadas para esse trabalho. Podendo o trabalho ser apreciado na íntegra, pois já se encontra em forma de dissertação defendida e disponível na biblioteca local.

5. Palavras neológicas: análise do corpus

1. ABYSMOSO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*O’ desespero, ó fado! E sempre, e sempre Nessa queda <abysmosa>! Lindo fruto Da manhã suspenso á florea coma Que a borrasca fatal, que a mente accende, Agita e lança ao pó: cobre-o a poeira,*” (HS, p. 31).

Sentido: Assustador; que causa abismo; que ocorre sem previsão; súbito; precipitado; assombroso; profundo e constante.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘abysmosa’ contextualizado nesta abonação aparece produzido por meio do substantivo ‘abismo’ (abismo + osa), contudo, diverge do sentido proposto pela base lexical. Esse adjetivo se refere à situação de ‘queda’ refletida como uma causa do desespero apresentado pelo eu lírico no poema, uma queda abismosa. Desse modo, esse desespero, essa tristeza e esse pessimismo exagerado são características românticas apresentadas pelo poeta. Nesse caso, embora tenha transcendido o Romantismo como tendência literária Sousândrade não o abandonou. Como o substantivo ‘abismo’ se refere especificamente à profundidade ou lugar muito fundo, esse sentido não condiz com o sentido proposto pelo poeta. Assim, o adjetivo ‘abysmosa’ pode ser caracterizado como um neologismo semântico, já que houve grande movimentação dos semas. Embora o vocábulo ‘abismosa’ não tenha sido encontrado nos dicionários usados como *corpus* de exclusão, já se encontra dicionarizado atualmente, entretanto, apresenta sentidos ainda divergentes da abonação.

2. ACHO(adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Divinos ontens. Céus abaixo, Desço; fui cimos, fui vulcão: Desço, às planícies percos e <achos>, Mas sem dispnéia ao coração Do subir da glória qual NaxosC’roa d’ariadna. Solidão*” (HO, p. 448).

Sentido: Nova; circunstancial; reconhecida; dolorosa; inventada; descoberta por acaso.

Notas Lingüísticas: O adjetivo plural ‘achos’, aparece, a princípio, produzido por meio do verbo ‘achar’ conjugado no presente do indicativo e pluralizado. Este adjetivo foi usado para caracterizar o substantivo feminino plural ‘planícies’. Contudo, pode ser uma referência à Praça de Acho⁴, uma praça de touros em Lima no Peru. Esse adjetivo caracteriza do estado de espírito do eu lírico que não se encontra em uma posição confortável ante as movimentações políticas e sociais ocorridas no país. Tais mudanças, inclusive o regime de governo e a abolição da escravatura, trariam alterações esperadas e inesperadas. Assim, o poeta recorda um passado glorioso do país: “divinos ontens”, mas teme um futuro que não consegue antever e que pode ser calamitoso. Assim, menciona Ariadne⁵ personagem da mitologia grega eu teve um fim trágico na ilha de Naxos.

⁴Praça de Touros de Acho (1768), um dos primeiros coliseus da América, onde se apresentam os melhores toureiros do mundo. http://www.br.terra.com/copaamericaperu2004/lima_ptostur.htm 20/01/07

⁵Personagem da mitologia grega. Forneceu a seu amado, Teseu, o fio que lhe permitiu sair do labirinto onde se encontrava o Minotauro. Abandonada na ilha de Naxos, teve fim trágico. ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

3. AGULHA-IMÃ (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “*Polaris ciclista, da rosa D’em voltas – brilhas qual manhã!Beijo a cabeça gloriosa: Oh! strelejas! feres! "Mamã Só a beija!" Tal corajosa Treme abalada<agulha-imã>*” (HO, p. 434).

Sentido: Indivíduo inconstante, inseguro e intrigante, mas que atrai a amizade, e direciona a confiança, o carinho e os bons sentimentos das outras pessoas.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘agulha-imã’ o poeta reuniu dois substantivos compondo um neologismo formal. A nova palavra foi utilizada para ‘codinomear’ a princesa Isabel que estava sendo pressionada por todas as vertentes políticas da época em relação à abolição da escravatura e não demonstrava firmeza quanto a suas ações: “da rosa d’em voltas”. Nesse caso, o poeta criticou, mas reconheceu que não era uma situação de fácil resolução: “beijo a cabeça gloriosa”, todavia, qualquer decisão poderia agradar alguns e ferir outros: “Oh! Estrelejas! Feres!... treme abalada...”.

4. ALIANÇA-AMOR (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “*Quem não ama curvar-se, ó bela,Sob o arco d’<aliança-amor>? Dentes como as frescas estrelas; Boca, o rosal sagrado em flor E esse do olhar lampear centelhas Reveses, doirado negror*” (HO, p. 431).

Sentido: Ato ou efeito de aliar-se por finalidade ou afeição profunda; pacto ou tratado entre pessoas ou entre indivíduos, povos ou governos para determinada finalidade que envolva sentimentos pessoais de afeto, benevolência e confiança.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘aliança-amor’ o poeta reuniu dois substantivos compondo um neologismo formal. A nova palavra foi utilizada para ‘nomear’ o ato em que as pessoas deveriam se envolver para que as conquistas políticas e sociais da época pudessem acontecer. Uma ‘aliança-amor’ foi sugestão do poeta à princesa Isabel que deveria conquistar a confiança de todos os seus oponentes: “Quem não ama...” e fazer com eles uma espécie de aliança embasada por bons sentimentos para que mudassem de idéia e a apoiassem provocando, assim, ‘reveses’ de opinião entre eles.

5. ALMA-CLARIDÃO (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “*Nuvem... que metamorfoseiaRelâmpago... <alma-claridão> De Jesus, que eterno incendeia Sempre presente ao coração: Reino de Memória e cadeia De geração em geração*” (HO, p. 442).

Sentido: Ser santo que reluz; ser benevolente que irradia luz santa; princípio instantâneo de vida que ilumina; que enche de luz; venerável.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘alma-claridão’ o poeta reuniu adjetivo e substantivo compondo um neologismo formal no qual a segunda palavra surge da junção da base lexical ‘claro’ com o sufixo -idão. A palavra foi criada para ‘renomear’ um relâmpago, fenômeno natural, que ao acontecer dissemina sua luz com tanta intensidade, rapidez e força que é comparado, pelo poeta, à força de Jesus Cristo, eterno, cuja palavra se espalhou pelo mundo e causou, rapidamente, modificações no modo de pensar e agir da humanidade e permanece “sempre presente ao coração” e na memória das pessoas em todas as gerações, como uma luz de brilho intenso, contínuo e benevolente.

6. ALMOÇO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Talheres de oiro, ao aristocrata<Almoço> estou. Democracia No jornal, lembra a intemerata Nau de Páris... só carecia D’estivador-curtidor. Grata Berlim, como é Faure a harmonia!*” (HO, p. 449).

Sentido: Que se apresenta indefeso e apetitoso; de fácil manipulação; que causa impressão de estar pronto para ser devorado; incorporável; controlável.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘almoço’ aparece da adjetivação de um substantivo. Produzido por meio do acréscimo de novos semas a uma palavra já existente e atestada nos dicionários consultados, ‘almoço’ se configura como um neologismo semântico. Nesse caso, não houve variação quanto à forma vocabular, mas quanto ao sentido. Utilizando o vocábulo ‘almoço’ de forma inusitada, Sousândrade apresenta o eu lírico em meio a um processo da transformação política, econômica e social que ocorria no país naquela época. A divisão das classes sociais está bem aparente nessa estrofe. Para os aristocratas “talheres de ouro”, pompa, conforto e poder, isso para que se fizessem importantes sobrepujando os menos favorecidos na base da exploração. De acordo com essa estrofe, a democracia, forma de governo tão sonhada pelo poeta, de acordo com os jornais era pura, incorrupta e íntegra. Contudo, não era o que acontecia na realidade do país, pois o povo vivia sacrificado e explorado pela minoria aristocrata que tudo decidia, sempre, a favor da própria acumulação de riquezas e poder.

7. ANELÃO-ZODÍACO(s.m.) (1 oc.)

Abonação: “*Sou o Sol, tenho altos planetas Aos quais dou luz, mando-os girar No <anelão-Zodíaco>, violetas Afrodita ou Terra-lunar, Zeus-trovoador: busco as diletas Do coração. - Mandam entrar?...*” (HO, p. 430).

Sentido: Sociedade em que circula pessoas de alto nível social; círculo social de pessoas com grande poder econômico e político; Grande círculo que comporta os planetas e astros;

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘anelão-zodíaco’, neologismo formal e semântico, surge para demonstrar que toda a alta sociedade do final do século XIX estaria à mercê das mudanças políticas e sociais causadas pela Proclamação da República em 1889. Nessa estrofe, o poeta que sempre almejou esse regime de governo, num arrojado processo metafórico, apresenta a República como um grande poder que atinge, ilumina, ordena e coordena as ações de todos da sociedade, inclusive os de mais alto nível social e os de grande poder político e econômico: “Aos quais dou luz e mando-os girar”.

8. BARDO-CIDADÃO (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “*É-te a guarda d’honra, ó divina, A luz do <bardo-cidadão>, Qual é social força a que inclina a realeza: ao coração Às glórias o que predestina Toda a porvir revolução*” (HO, p. 438).

Sentido: Indivíduo com imaginação inspirada; indivíduo de caráter idealista;

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘bardo-cidadão’, neologismo formal, representa o que o poeta acreditava em relação aos cidadãos daquela época. Nessa estrofe, o eu lírico demonstra que é a força da sociedade que eleva o país à glória, mesmo que para isso sejam feitas revoluções. Sabe-se que o Brasil viveu inúmeras revoltas armadas no período regencial e de imperialista, sendo que tais revoltas se estenderam até o final do século. Nesse caso, não sabemos ao certo, se Sousândrade era a favor das revoltas armadas, mas com certeza, ele era a favor da mudança, da evolução e do desenvolvimento humano, político e econômico do seu país de origem.

9. BERRADEIRO(adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Nos trazião Nossa mãe preta e todos os escravos Mil presentes d’infancia: a cuja nova Tingida e resinosa; o cará roxo; Dois ovos de perdiz, da glauca tonna; A leda,<berradeira>seryquara De pés e olhos vermelhos, verdoengos Longo bico e a plumagem; uns filhinhos Do coráo viridante em quentes plumas*” (HS, p 281).

Sentido: Que brami e emite brados muito intensos; que ou o que grita ou berra.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘berradeira’ se configura como um neologismo formal e semântico. Esse vocábulo foi criado, nesta estrofe, para caracterizar o som emitido pelo pássaro “seryquara” que é muito intenso e assemelha aos berros ou gritos. Nesse contexto, o

poeta demonstra certo saudosismo e carisma em relação aos amigos negros que o presenteava com vários objetos que, apesar de simples, eram bastante apreciados pelo eu lírico: “Nos trazião Nossa mãï preta e todos os escravos Mil presentes d’infância”.

10. BRASILEIRO-AMERICANO (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “*Triunfador o vês romano,Do capitólio altivo descer O <Brasileiro-Americano> Honrado como tem de ser Cada um eleito soberano Que te dê mais resplandecer:*” (HO, p. 446).

Sentido: Caráter de quem é nascido na América, especificamente, no Brasil.

Notas Lingüísticas: No vocábulo ‘brasileiro-americano’, neologismo formal, o poeta registra com orgulho a honra de ser nascido no Brasil e ainda ser americano. Sousândrade sonhava com uma América unificada e livre do colonialismo, além de ser apaixonado pelo Brasil. Apesar de ter vivido bastante tempo fora do Brasil, o poeta sempre exaltou a nação brasileira com muito orgulho e devoção.

6. Considerações finais

Tendo vista o caráter literário das obras analisadas para obtenção dos dados dessa pesquisa, percebemos que o neologismo literário surge, esculpido pelos autores, da necessidade que se tem de criar vocábulos novos quando os existentes já não lhe são suficientes.

A diferença poemática de Sousândrade estaria relacionada a leituras e em uma tradição que era desconhecida de seus pares. É a própria escrita inovadora desse autor, em contraste com qualquer parâmetro de seu tempo, que exige uma análise desvinculada de gêneros literários e de uma história literária canônica.

Da mesma forma, é a própria complexidade do fluxo da sua narrativa poética, seu uso de palavras raras ou oriundas de outros idiomas ou de rimas em diversas línguas, bem como de sua retórica complexa, que demandariam, da parte dos estudiosos, pesquisas e análises igualmente complexas. Contudo, esta complexidade é inerente à própria arte do poeta, pois ele lia os poetas ingleses e americanos e abusava de palavras e expressões em inglês e de outros idiomas na sua poesia.

Contentamos, assim, em analisar os traços específicos apenas de suas invenções vocabulares, principalmente, as que incluíram o processo de formação de palavras em língua portuguesa, apoiados em contextos abonatórios das obras literárias. Para obtermos os conceitos dos vocábulos da obra de Sousândrade, procuramos identificar as referências que eram, de certa forma, evidentes no texto como: nomes próprios, deuses mitológicos, datas, lugares e alguns acontecimentos históricos e ligá-los aos nossos conhecimentos de mundo.

Finalmente, percebemos que para entender a obra sousandradina, vista pelos críticos como enigmática, descobrimos no contexto sócio-histórico-ideológico e nas vivências desse autor a chave para desvendar o mundo de Sousândrade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 1. ed. Lisboa: Livraria do editor Antonio Maria Pereira, 1888. 1913 p.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2001 528 p.

CAMPOS, Augusto e Haroldo de. *Sousândrade: poesia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1966. 91 p.

CAMPOS, Augusto e Haroldo de. *Re visão de Sousândrade: textos críticos, antologia, glossário e bibliografia*. 3. ed. rev.e ampl. São Paulo: Perspectiva, 2002. 653 p.

ENCICLOPÉDIA Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicação Ltda, 1995. v.1. Projeto eletrônico desenvolvido por LEXIKON INFORMÁTICA LTDA. <http://www.lexikon.com.br>

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Librairie Larousse, 1975. 285 p.

MORAES SILVA, Antônio de. *Dicionário de língua portuguesa*. Fac-símile da 2ª edição de 1813. Rio de Janeiro: Oficinas da S.A. Litho-typographia fluminense, 1922. 872 p.

REY, Alain. Néologisme: un pseudo-concept? *Cahiers de lexicologie*, Paris, v. 28, p. 3-17, 1976-1.

SOUZA-ANDRADE, Joaquim. *Harpas selvagens*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Lemmert, 1857. 310 p.

_____. Harpas de ouro. In: WILLIAMS, Frederick G. e MORAES Jomar. *Poesia e prosa reunidas de Sousândrade*. São Luís – MA: Edições AML, 2003. p. 429-450.

WILLIAMS, Frederick G. *Sousândrade: vida e obra*. São Luís – MA: Edições SIOGE, 1976. 279 p.